

RESENHA

Entre a força e a dor de ser mulher

Resenha de DEL PRIORI, Mary.

Sobreviventes e guerreiras:

Uma breve história da mulher no
Brasil de 1500 a 2000. São Paulo:
Editora Planeta, 2020.

AGNES ALENCAR

Mestre em História Social da Cultura pela PUC-Rio.
Gerente de Pesquisa do Arquivo Geral da Cidade
do Rio de Janeiro.

agnes.agcrj@gmail.com

Começo a escrever essa breve resenha em meio à pandemia de COVID-19 que impôs um isolamento social que rasgou a realidade em duas — uma anterior e outra posterior ao coronavírus — e escancarou problemas antigos, entre eles a violência contra as mulheres. Um artigo da Revista Istoé, publicado em junho de 2020, revela dados alarmantes do aumento de denúncias, de relatos de brigas de casais e de violências diversas. No Brasil, entre março e agosto de 2020, a cada nove horas uma mulher foi vítima de feminicídio.

A realidade Brasileira, no que tange à violência de gênero, é alarmante e é também parte de contextos globais muito preocupantes. A ONU estima, por exemplo, que uma em cada cinco mulheres sofre com algum grau de violência. Para compreender esse contexto é preciso refletir sobre o processo histórico que construiu a realidade atual. Nesse sentido, o livro de Mary Del Priori *Sobreviventes e guerreiras: Uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000* convida seus leitores a refletir sobre a história do feminino, da construção do patriarcalismo brasileiro e como esse percurso continua influenciando as formas de viver, sentir e ser mulher no Brasil de hoje.

Mary Del Priori é uma historiadora e escritora que já publicou mais de vinte títulos sobre a história do Brasil. Seu livro “História das Mulheres no Brasil” foi premiado com um Jabuti. Pensar sobre a figura feminina dentro da história do Brasil, portanto, não é um caminho completamente novo para a autora, doutora em história pela Universidade de São Paulo. A história do cotidiano brasileiro, das vivências individuais, de histórias particulares, são temáticas recorrentes nas investigações da historiadora. Esse livro, lançado pela editora Planeta em meio ao momento pandêmico, faz eco com essas reflexões que permeiam o trabalho de Del Priori há algum tempo.

A obra — uma das mais recentes publicações da autora — se propõe a refletir sobre a trajetória de mulheres como forma de pensar o patriarcalismo da sociedade brasileira. O trabalho convida a passear por mais de 500 anos de história e construções culturais. O livro começa trabalhando com a história colonial brasileira e, para tanto, se coloca questões como, por exemplo, a forma diferente em que vários grupos indígenas enxergavam conceitos como “família” e como essas perspectivas se chocam com a vivência europeia dos colonizadores. Enquanto os portugueses europeus partiam de uma experiência religiosa que impulsionava um controle de corpos e mentes com base no casamento monogâmico, vários grupos indígenas tinham noções fluidas de casamento ou de sexualidade.

A autora, logo no primeiro capítulo, apresenta uma questão importante. O patriarcalismo está na gênese da sociedade que hoje conhecemos

como brasileira e é no encaço dessa construção que ela parte em sua investigação e apresentação da figura feminina nos diversos contextos históricos que atravessaram a vivência da sociedade. A fim de explicar esse patriarcalismo é que Del Priori coloca em contraste algumas experiências indígenas — de forma genérica — e a viagem que traz o patriarcalismo ao solo da América Portuguesa através da figura não apenas dos colonos, mas dos padres jesuítas que vêm a fim de cristianizar as gentes.

O controle da religião cristã — que é exercido tanto em corpos quanto em mentes — é um elemento crucial da composição do patriarcalismo da sociedade, se atualizando ao longo dos anos e, ainda que não seja mais o mesmo, tem suas raízes nessa vivência religiosa europeia, experimentada de forma contundente no medievo, mas com origens anteriores nas leituras clássicas dos textos bíblicos nos primeiros concílios. Del Priori, ao argumentar sobre essa construção, comenta especialmente do controle exercido pela igreja na sexualidade feminina e como as mulheres indígenas geralmente tinham uma liberdade e controle do seu corpo muito grande, que aos poucos lhes foi sendo retirado, seja pela força da religião, seja como desdobramento da própria colonização. São os europeus que, segundo a autora, “trouxeram para cá a desconfiança ante a mulher e a crença de que a ela cabia obedecer ao homem. Trouxeram também o modelo patriarcal (...)”. (DEL PRIORI, 2020)

Um dos valores a serem também destacados é como, ainda que partindo de realidade gerais e comuns a várias mulheres, a autora também apresenta frestas ou vivências individuais singulares dentro do patriarcalismo. Ela defende, por exemplo, que as dimensões continentais do Brasil abriam margem para outros modelos de família que não aquele patriarcal europeu. Ela investiga, portanto, como os casamentos tradicionais durante muito tempo eram uma raridade, sendo que homens e mulheres viviam juntos e muitas vezes só se casavam no final da vida por medo do inferno. Em outros casos, há relatos de mulheres que — diante da ausência de um marido, patriarca, seja por morte ou abandono — encontravam caminhos para continuar resistindo.

“Em várias localidades em que os homens tinham morrido ou partido em busca de melhores condições de vida ou morrido, as mulheres, chefes de família, eram maioria. (...) Sozinhas e à frente da família, as mulheres sobreviviam e cuidavam do pequeno comércio, da lavoura, da plantação e dos animais domésticos. Também prestavam serviços de lavar, costurar, tecer, bordar, fiar panos grosseiros, fazer doces ou pães, tingir, plantar ou se prostituir”. (DEL PRIORI, 2020)

Problematizar a construção de família no singular é algo crucial e é importante compreender que mesmo a dominação masculina do universo patriarcal não existe de forma unívoca e que as experiências femininas ao longo da história brasileira são múltiplas e diversas. A obra também apresenta algumas trajetórias individuais de algumas mulheres e como essas singularidades compõem um mosaico diverso das vivências femininas na América Portuguesa antes de ela ser chamada de Brasil.

Pensar a condição feminina no Brasil requer uma atenção especial ao tema da escravidão e da diáspora africana. Mary Del Priori dedica um capítulo para pensar as mulheres na Casa Grande e inclui em sua narrativa não apenas as senhoras, mas também histórias individuais de mulheres negras, escravizadas, e as dores conjugadas pela sua condição. Em outro capítulo, “Seio branco seio negro”, a autora analisa ainda a figura das amas de leite. Refletindo sobre essas narrativas, Del Priori comenta que, enquanto as senhoras e as mulheres brancas entregavam seus filhos para serem amamentados por mulheres negras, quase sempre escravas, os filhos dessas mulheres, por sua vez, não tinham acesso ao leite materno — este ficava reservado para as crianças brancas da elite. Deste modo, há que se levar em consideração, ao falar sobre o universo feminino, que ser mulher branca e ser mulher negra se trata de condições muito distintas.

O livro se propõe a apresentar a mulher em contextos muito diversos, fazendo isso de forma leve e sucinta e, deste modo, não há como exigir que aprofunde as questões levantadas. Estamos diante de uma obra que está se propondo a analisar quinhentos anos de história. Entre os capítulos, encontramos temas como a questão da prostituição, o lugar da mulher na família colonial e em outros momentos históricos, a intimidade e a sexualidade feminina, as mulheres operárias, a chegada da discussão feminista no Brasil, as violências contra as mulheres — em diversos contextos históricos —, a figura feminina em vários momentos do século XX — a luta pelo voto, as mulheres nas rádios, as mulheres no sertão —, a criação da pílula anticoncepcional e sua alteração no tecido social, as mulheres na ditadura, a questão da circulação e do racismo, chegando até os dias de hoje para pensar sobre feminismos plurais.

A provocação da autora reside em duas frentes. Em primeiro lugar, ela se propõe a demonstrar a construção histórica do patriarcalismo, em segundo, busca colocar a mulher no centro das transformações sociais que geram a autonomia que conhecemos hoje. Ao longo de todo o texto há uma conexão importante com o presente. O livro abre sua reflexão falando justa-

mente do problema grave da violência contra a mulher e seu aumento durante o momento pandêmico.

Um outro elemento importante do texto é essa construção plural da trajetória feminina, demonstrando que há muitas nuances a serem levadas em consideração ao investigar a história das mulheres no Brasil. O livro chega como uma leitura leve para o grande público, que pode servir como ponto de partida para leigos e leigas que queiram partir para investigações mais profundas sobre o lugar da mulher e do feminismo no Brasil de ontem e de hoje.

Compreender a construção do patriarcalismo é crucial e é a partir dessa percepção — de que se trata de um constructo histórico e cultural — que é possível militar pela sua decomposição. Essa militância pode ser lida nas vidas de diversas mulheres, sobreviventes e guerreiras — como as denomina Del Priori — que nos alcançam ainda hoje. Nós, mulheres hoje, somos herdeiras dessas narrativas, dessas lutas, somos fruto dessas militâncias, olhamos o mundo a partir dos ombros de mulheres gigantes que vieram antes de nós.

Fabrio Augusto Souza Gomes
Alexandra Aguiar
Renata Geraissati Castro de Almeida
Aduino Tavares Araujo
Flavia Sales Ferro
Américo Freire
Mariana Lousada
Ana Celeste Indolfo
Raquel Dias Silva Reis
Claudia Lacombe
Mariana Tavares de Melo Costa
Aline Lopes de Lacerda
Luciana Quillet Heymann
Silvia de Araujo Coutinho
Paulo Roberto Elian dos Santos Silva
Jorge Dias da Silva Junior
Eliezer Pinto
Larissa da Silva Canto Bastos
Anna carla Almeida Mariz
Luiza Angélica Lisboa Pinto
Priscila Ribeiro
Philippe Arthur dos Reis
Rosale de Mattos Souza
Claudia Bucceroni Guerra
Agnes Alencar

O concurso de **Monografia do Arquivo da Cidade/Prmio Professor Afonso Carlos Marques dos Santos** — uma iniciativa que vem ocorrendo regularmente desde 2006 — tem por finalidade selecionar um estudo cujo tema central seja o Rio de Janeiro. Esse pode estar centrado no passado da cidade, com uma abordagem mais historiográfica, ou tratando de traços da história mais recente, fornecendo análises e discussões sobre o Rio Contemporneo.

De caráter anual, o concurso prevê a inscrio de trabalhos nas áreas de História, Geografia, Antropologia, Arquitetura, Urbanismo, Saúde e Cultura em geral, desde que entre as fontes consultadas figurem documentos iconográficos, manuscritos ou impressos pertencentes ao acervo do Arquivo da Cidade.

Para participar, basta acessar o link: **www.rio.rj.gov.br/arquivo** do Concurso de Monografia Arquivo da Cidade/Prmio Afonso Carlos Marques dos Santos. L você confere o edital.

wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj

